

Utilitarismo em *Ariel* de José Enrique Rodó

Maurício Silva*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a obra *Ariel* de José Enrique Rodó, em sua crítica ao espírito utilitarista – sobretudo de inspiração norte-americana – vigente na passagem do século XIX para o XX, na América Latina. O artigo destaca também a intenção edificante da obra em questão, cujo principal intuito era formar ética e moralmente a juventude latino-americana.

Palavras-chave: José Enrique Rodó. *Ariel*, utilitarismo. Estados Unidos. América Latina.

O ano de 1900 foi, indubitavelmente, um marco histórico ocidental: com ele seria inaugurada uma série de transformações que já se vinha esboçando nos anos precedentes e que surgiria com ímpeto e vigor a partir do descerrar do novo século. E não apenas no âmbito da História, mas também no da Cultura em geral: uma nova mentalidade começava a se afirmar; um mundo totalmente insólito surgia, marcado por uma espécie de mística do progresso; inaugurava-se a era do infrene desenvolvimento científico e tecnológico, da pluralidade artística e conceitual, do aprofundamento analítico e da produção industrial.

Nesse conturbado contexto, uma obra, dentre as inúmeras que então surgiram, merece atenção especial, justamente por ser, ao mesmo tempo, causa e efeito do novo ideário que se afirmava, principalmente na América Latina: trata-se de *Ariel* (1900), de José Enrique Rodó.

De concepção múltipla e abrangente, bem de acordo com a pluralidade incipiente do novo século que surgia, *Ariel* destaca-se pela observação aguda e perspicaz que faz de sua época, mas, sobretudo, pela visão racionalmente crítica das relações estabelecidas entre a América Latina e os Estados Unidos. Devido à preocupação estética que permeia toda a obra, ela pode ainda ser considerada, a um só tempo, um texto sociológico e literário, inaugurando assim, sempre ao lado de outras produções de igual importância, um espírito “moderno” que – nas artes, em geral, como na literatura, em particular – vingaria nesta nova era. (SANCHEZ, 1941)

Obra de um saber maduro, já anunciava a figura do intelectual e político que marcaria para sempre a imagem do escritor e pensador uruguaio. Poderia, assim, ter sido sua derradeira produção, tamanha a coerência e a completude de idéias que ali se

* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Nove de Julho.

manifestam, motivo pelo qual se acredita não ter sido *Ariel* superado por nenhuma obra posterior do mesmo autor. A rigor, não deveria ser considerada mais do que uma espécie de panfleto militante a combater idéias que, para seu criador, mostravam-se de todo perniciosas, e contra as quais Rodó lutou toda sua vida. E o fato, a propósito, de se poder considerar esse livro em particular um autêntico panfleto, nada tem de preconceituoso – apenas busca abarcar a intenção essencial (ou uma das intenções essenciais) do autor ao escrevê-lo: mais do que informar, *formar* a juventude de sua época, com base em alguns pressupostos considerados indispensáveis por Rodó para qualquer espécie de constituição política e cultural, vale dizer, para qualquer formação socialmente organizada.

De qualquer maneira, sua literatura toma um partido, e, fundamentado nessa atitude, busca vencer todas as idéias que lhe sejam contrárias, ainda que, ao se afastar do clássico realismo crítico-social, próprio da literatura militante, Rodó crie algo que poderíamos chamar de uma literatura engajada atípica, em que – entre outras coisas – as idéias propostas e defendidas, ao invés de surgirem envoltas numa linguagem direta e realista, manifestam-se dissimuladamente, marcadas por um floreio verborrágico e um preciosismo vocabular singulares.

A questão da moral é apenas uma das muitas tratadas na obra de Rodó, e talvez a primeira a chamar a atenção de seus críticos e leitores: como qualquer obra edificante – dirigida deliberadamente aos jovens e caracterizada por um evidente cunho pedagógico – *Ariel* possui uma clara natureza moralizante. Tal fato, aliás, pode ser observado já nas palavras iniciais de Próspero, mestre e narrador, para quem a *personalidad moral* assume papel preponderante na obra.

A moral, curiosamente aliada à noção de bom-gosto, vai servir ainda de paradigma à relação estabelecida entre o individual e o coletivo, outro tema pertinente à obra em questão: com efeito, Rodó busca constantemente extrapolar o âmbito do indivíduo para atingir o coletivo, a tão decantada *generación humana*, sempre defendendo o todo, em detrimento do isolamento de suas partes. Esta idéia, aliás, está claramente resumida nas próprias palavras de Rodó, ao afirmar que “ninguna fuerza aislada puede satisfacer los fines racionales de la existencia individual, como no puede producir el ordenado concierto de la existencia coletiva”. (RODÓ, 1975, p. 30).

Indubitavelmente, Rodó sofreu variada influência. Autores e idéias foram por ele reunidos de forma original, a fim de sustentar sua mundividência: não apenas Renan e Guyau, como fica evidente em qualquer leitura que se faça de sua obra, mas também uma série de outros nomes, de filósofos a escritores, são chamados a colaborar e a endossar seu ideário. No âmbito do pensamento religioso, porém, há que se destacar a forte influência que o Cristianismo exerceu sobre o seu pensamento.

Aliado ao classicismo greco-romano, o Cristianismo serve para Rodó como uma vigorosa fonte de inspiração: sempre baseado em conceitos de natureza cristã, *Ariel* prega, além da tradicional dicotomia fé/esperança, uma humanidade pacífica, que tenha como alicerce uma juventude enérgica e viril; veja-se, por exemplo, um dos seus períodos de feição mais manifestadamente religiosa, até pelo seu caráter edificante e admoestador: “sed [...] conscientes poseedores de la fuerza bendita que lleváis dentro de vosotros mismos”. (RODÓ, 1975, p. 30).

Dirigidas à juventude, tais palavras parecem trazer consigo, além do que já ficou dito, todo um sentido simbólico, metafórico, próprio dos discursos de índole cristã, mesmo se considerarmos apenas o seu estilo enfaticamente imperativo e a utilização de um vocabulário próprio do universo eclesiástico. Por isso, para Rodó o Cristianismo é, segundo suas próprias palavras, uma "inspiración esencialmente juvenil". (RODÓ, 1975, p. 22).

E, de fato, a juventude desempenha um importante papel neste seu denso livro; via de regra associada às noções de virilidade e vigor, ela representa o necessário empenho por um futuro próspero e justo. Esta concepção da juventude tem, sem dúvida, sua raiz numa "visão romântica" da realidade – apesar de todo o pragmatismo rodoniano (MONEGAL, 1967) –, seja pelo fato de o autor aliar a ela uma paixão ideal, já anteriormente tratada por autores do Romantismo literário, seja por ele aprofundar esta visão com base numa declarada fé na Natureza, uma espécie de recuperação do sentido rousseauiano da vida.

A análise do texto de Rodó não prescinde de abordar um de seus principais temas: o combate à *filosofia utilitarista*, a qual está representada principalmente, no seu entender, pela democracia norte-americana.

Para Rodó, o utilitarismo seria um dos principais males da sociedade de seu tempo, responsável pela formação de *espíritus estrechos* e caracterizado pelo puro interesse como finalidade da atividade humana; tal concepção de vida opõe-se radicalmente à de uma existência racional e harmônica, visão autenticamente rodoniana do ser:

a la concepción de la vida racional que se funda en el libre y armonioso desenvolvimiento de nuestra naturaleza, e incluye, por lo tanto, entre sus fines esenciales, el que se satisface con la contemplación sentida de lo hermoso, se opone - como norma de la conducta humana - la concepción utilitarista, por la cual nuestra actividad, toda entera, se orienta en relación a la inmediata finalidad del interés. (RODÓ, 1975, p. 75).

Seguindo esta mesma linha de pensamento, o autor afirma ainda que o espírito utilitarista assenta-se, basicamente, em duas causas principais: a) as revelações da ciência da natureza (leia-se cientificismo), que acabam por destruir a idealidade; b) a democracia, que torna medíocre a humanidade exatamente na medida em que a conduz ao utilitarismo. A partir desses pressupostos, dois conceitos importantes, relacionados a essa idéia, devem ser ressaltados: os de idealidade e democracia, os quais, diga-se de passagem, segundo Rodó, opõem-se francamente entre si: a falta desmesurada do primeiro e a exagerada presença do segundo formariam, assim, o fundamento de toda a filosofia utilitarista.

Quanto à idealidade, pode-se dizer que ela se relaciona ao utilitarismo combatido por Rodó na medida em que, sob a forma de "preocupaciones puramente ideales", manifesta-se como força contrária ao "sentido de la utilidad material"; em outras palavras, a valorização do utilitarismo renega todo e qualquer valor ideal, donde a importância desse sentimento idealizado para o amor: é exatamente a "contemplación ideal" que Rodó irá propôr e aconselhar à juventude ao longo de todo o seu livro. (RODÓ, 1975, p. 66).

Já no que tange à democracia, sua relação com o utilitarismo se dá por meio do apoio que aquela concede a este: visto que a democracia tem como um dos pressupostos básicos o nivelamento de todos os integrantes de uma determinada sociedade, desfazendo hierarquias que, segundo o autor, deveriam sempre existir, a democracia contribui profundamente para o despertar de um forte sentimento utilitarista. Rastreado este raciocínio, dir-se-ia que, sem um direcionamento moral, a democracia acabaria mesmo por extinguir a idéia de superioridade; e ainda: ela não substituiria nenhuma hierarquia, eventualmente infundada, por outra que se assentasse num pressuposto moral.

Defendendo as “desigualdades legítimas” e o “heroísmo” como fundamento para um regime de governo, Rodó combate a democracia exatamente pela supressão daquelas noções. E, por isso, suas diatribes não se resumem a ataques estéreis e despropositados ao regime que abomina, mas, ao contrário, Rodó chega mesmo a propor toda uma reforma educacional como modo de manter a autoridade moral, os sentimentos de superioridade e de subordinação e a hierarquia de natureza intelectual. Ainda na questão da educação, há que se considerar que, para ele, é necessário haver um respeito para com a igualdade natural de condições, na tentativa de todos chegarem a uma categoria elevada. Assim, uma vez estabelecida a superioridade, qualquer desigualdade seria, em princípio, justificável.

Contudo, o combate de Rodó à democracia e sua exacerbada defesa da aristocracia intelectual não devem ser entendidos de modo simplista e estritamente com base naquilo que atualmente entendemos por tais noções, como aquela definição mínima proposta por Norberto Bobbio, segundo a qual a democracia seria “um conjunto de regras de procedimento para a formação de decisões coletivas, em que está prevista e facilitada a participação mais ampla possível dos interessados.” (BOBBIO, 1986, p. 12) Há de se ter sempre em mente, antes de tudo, que, para Rodó, a noção de democracia - tal e qual ela se manifestava na sociedade norte-americana da época - aliava-se intrinsecamente à de um utilitarismo infrene e desmedido, o que nos revela uma coerência de sua parte. A compreensão desse fato poderá conduzir-nos inclusive à mesma linha de raciocínio percorrida pelo autor - uma espécie de sofisma que fatalmente o levaria a renegar o sistema democrático de governo: para ele, se o utilitarismo (com tudo o que este lhe podia representar) era o fundamento filosófico da sociedade norte-americana, e a democracia sua base ideológica e política, não havia como desvincular ambas as noções; logo, lutar contra a democracia significava, a seus olhos, combater o próprio utilitarismo; e, mais do que isso, sua luta simbolizava um embate conscientemente travado em defesa de um ideal libertário no espaço latino-americano, o que o levaria a aliar à sua militância um forte sentimento de xenofobia. Isso se dá, entre outras coisas, porque, para Rodó, ao contrário dos norte-americanos, os latinos possuiriam “una herencia de raza, una gran tradición étnica que mantener, un vínculo sagrado que nos une a inmortales páginas de la historia, confiando a nuestro honor su continuación en lo futuro.” (RODÓ, 1975, p. 105)

Todas essas observações nos levam a concluir que Rodó possuía uma concepção muito particular de democracia: um sistema radicalmente aliado à noção de utilitarismo e entendido como o contraponto do desenvolvimento ideal para a América Latina, conclusão, aliás, a que alguns críticos já tinham chegado anteriormente. (MONEGAL, 1967).

Enfim, conclui-se que, se para Rodó a democracia, abordada sob uma ótica particularmente tendenciosa, é vista como uma sistema desumano e padronizador, é o utilitarismo que, em última instância, ele tenta atingir com suas críticas: da mesma forma que o cientificismo, também a democracia é apenas mais um dos infinitos componentes do espírito utilitarista, este, sim, o verdadeiro mal a ser combatido e erradicado da sociedade.

Não há dúvida de que a obra de Rodó representa um avanço considerável no conjunto de idéias latino-americanas, e *Ariel* especialmente possui um inestimável valor neste sentido, contribuindo para o aprofundamento das discussões relativas à identidade da América Latina e o posterior estabelecimento de teorias a seu respeito, como demonstra o embate travado entre Roberto Retamar e Emir Rodriguez Monegal em torno das idéias de Rodó, em que ambos os autores se posicionam favoravelmente e contrariamente às idéias expostas em seu célebre livro. (RETAMAR, 1988; MONEGAL, 1977).

Referências

SANCHEZ, Luis Alberto. **Balance y liquidación del novecientos**. Chile: Ercilla, 1941.

RODÓ, José Enrique. **Ariel**. Madrid: Espasa-Calpe, 1975.

MONEGAL, Emir Rodríguez. "Introducción General". In: RODO, José Enrique. **Obras completas**. Madrid: Aguilar, 1967, p. 17-139.

BOBBIO, Norberto. **O Futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

RETAMAR, Roberto F. **Caliban e outros ensaios**. São Paulo: Busca Vida, 1988.

MONEGAL, Emir Rodriguez. "Las Metamorfosis de Calibán". **Diacritics**, n. 7, 1977.

Title: Utilitarianism in *Ariel*

Abstract: The present article has as objective to analyze the José Enrique Rodo's work, *Ariel*, as a criticism to the utilitarian spirit – specially of North American inspiration – effective in the turn of the XIX for the XX century, in Latin America. The article also highlights the noble intention of the work, which had the formation of Latin American youth as its main intention.

Keywords: José Enrique Rodo. *Ariel*. Utilitarianism. United States of America. Latin America.

Recebido em: 06/05/2013. Aceito em 17/06/2013.